



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

REVISITANDO A LOUCURA: UM OLHAR DE DENTRO

SÍLVIA MARIA RONCADOR BORGES

BRASÍLIA
NOVEMBRO/2003

Sílvia Maria Roncador Borges

Revisitando a Loucura: um Olhar de Dentro

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do Curso de
Psicologia do UniCEUB –
Centro Universitário

Profa. Orientadora: Tania Inessa Martins de Resende

Brasília, novembro de 2003

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todos aqueles
que estão, nesse momento, internados em
hospitais e clínicas psiquiátricas e que, contrariando
a ordem vigente, estão tendo a coragem
e a sensibilidade
de escrever
sobre sua dor, sobre sua vida.

Agradecimento

Um dos principais objetivos dessa monografia é valorizar o olhar de dentro. Trata-se de uma questão de direção que muda todo o enfoque. Olhar a loucura, ou mesmo, qualquer coisa pelo lado de dentro é considerar legítimo o conhecimento produzido por quem o vive e, não, apenas, por quem dele o fala.

Dentro dessa óptica, agradeço principalmente a quem está dentro de mim, a quem me é amorosamente constituinte como minha família e amigos mais próximos. Agradeço, então, a minha mãe, Odette, que tem sido um grande referencial de coragem e sensibilidade, ingredientes que, por já ter a familiaridade, pude perceber nas obras das internas de hospitais-psiquiátricos retratadas nessa monografia.

Ao lado de minha mãe tenho ainda pessoas que me são muito caras para colocar. Tenho meu marido, Henirdes, que juntamente com o Gustavo, meu filho, me dão o melhor cotidiano que alguém poderia querer. E muito mais: me dão o amor e a paixão necessários para envolver-me com o tema da loucura.

Meus irmãos causam-me confusão na classificação. Para eles é preciso utilizar sempre um termo composto: ficam, então, na categoria de irmãos-amigos. São marcos para mim, são referências de amizade e companheirismo. São eles, Sônia e Sérgio. A Sônia, mais que companheira, é a parceira mais valiosa que tenho no trabalho com testemunhos e que teve a paciência de ler meu trabalho, sempre com importantes contribuições.

E os amigos? São especiais. São pessoas que falam no dia-a-dia sobre a beleza do ser humano, com toda a sua inteireza, quer seja, com toda a sua imperfeição. Tenho sempre comigo a Márcia, a Carla e a Nádia. Cito aqui, também, a Angelina que chegou recentemente para sacudir minha vida, mostrando-me a importância do trabalho com os loucos, na medida em que nos propiciam uma incrível oportunidade de refletirmos e nos apropriarmos de nós mesmos.

A todos, um sincero agradecimento por fazerem parte da minha vida.

Resumo

Este trabalho apresenta um novo olhar sobre a loucura: exatamente sua óptica mais legítima, quer seja, a visão de internos de hospitais psiquiátricos. Estabelece-se, com essa intenção, um diálogo entre os textos autobiográficos e testemunhos das internas Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio com Michel Foucault e Franco Basaglia, entre outros, que pensaram com muita sensibilidade a loucura. Iniciando o trabalho, Maura L. Cançado nos dá uma célebre lição de como a loucura pode ser produzida socialmente e o que pode levar uma pessoa a aceitar e a co-participar desse complexo processo. Stela do Patrocínio, no capítulo seguinte, denuncia o cruel processo de aniquilamento do sujeito pelo qual passa o louco, sobretudo, o louco que vive em hospital psiquiátrico. Trata-se de despersonalizá-lo, no sentido de tirá-lo da condição de pessoa, para que uma identificação não mais seja possível. Em seguida, alguns comentários e ponderações são apresentados, conduzidos, agora, por teorias já consagradas do ponto de vista acadêmico. Nesse capítulo, são considerados os vieses psicológico e social da loucura, com ênfase para o aspecto social. São dois blocos de discursos: o dos loucos e o dos “especialistas”. Por fim, discute-se a importância dos testemunhos e da produção local de conhecimento, considerando que esse tipo de ação estende-se e influencia pessoas de outros locais, possibilitando um “clima social” favorável para mudanças significativas.

Sumário

Introdução	6
Capítulo I: Hospício é Deus	10
Capítulo II: Reino dos bichos e dos animais é meu nome	18
Capítulo III: Sobre a loucura	24
Capítulo IV: Algumas considerações sobre o texto auto-referenciado	35
Conclusão	39
Referências bibliográficas	43

Introdução

O tema loucura há muito intriga as pessoas. Sempre exigiu algum posicionamento, seja positivo ou negativo ou, ainda, a gama de reações entre o positivo e o negativo.

Para falar desses diversos posicionamentos é imperativo citar Michel Foucault. Em seu livro *História da Loucura na Idade Clássica*, Foucault (1972) apresenta o modo como a divisão entre a loucura e a razão é estabelecida. Razão e loucura são assim apontadas como o fruto de processos históricos; elas não existem como categorias universalmente objetivas. Com tal propósito, este grande pensador francês mapeia o caminho do louco, que não era confinado em nenhuma instituição antes de 1600, passando a assumir, em meados do séc. XVII o status de pessoa excluída.

“Pessoa excluída” ainda é uma categoria muito ampla. Dentro dela, vê-se diversos tipos de exclusão, cada qual atendendo a um determinado propósito.

Pode-se observar, no entanto, o distanciamento e, porque não dizer, a frieza, com que muitos abordam o tema. Não é fácil falar de loucura, quando este fantasma ronda a todos. Quando se fala de um louco e, portanto, de um outro, sabe-se no íntimo que o sentido da fala pode pregar-nos uma peça e o outro pode ser eu.

Alguns, no entanto, conseguem romper esse medo. Conseguem falar da loucura com propriedade e coragem, criando referenciais para a humanidade ir-se estabilizando novamente. Cada atualização de conceitos, de padrões aumenta em algum grau a consciência e o conforto coletivos.

Esse trabalho tem essa ambição. Falar da loucura por meio de testemunhos de loucos. Homenagear sua sensibilidade, coragem, ousadia, generosidade e lucidez. São todas pessoas que tiveram uma dose de sofrimento real, mas que utilizaram suas vidas para transcender, no sentido em que contribuíram para deixar o tema menos assombrado, mais “palpável”. São pessoas que, como Maura Lopes Cançado, escritora e interna de hospital psiquiátrico, conseguiram romper com o condicionamento social, sendo, por isso mesmo, punidas com a rejeição e o isolamento. Mais que uma experiência de vida isolada, essas pessoas transformaram sua dor em referência, uma referência de limites, mais apropriadamente, de expansão de limites. Referência de agüentar heroicamente, de viver com tanta sensibilidade em um mundo tão empobrecedor, como o dos hospícios.

O presente trabalho pretende ressaltar exatamente essas características: coragem e sensibilidade.

É por isso que se trata de revisitar a loucura, mas assim o fazendo pelo “lado de dentro”. Pela própria experiência de pessoas que foram confinadas aos hospitais psiquiátricos e que não fosse a capacidade de serem exímias observadoras de si mesmas, não teriam resistido a esse cruel processo de enlouquecimento. Fingiram de loucas, sim, outras vezes também o foram, em uma impressionante demonstração de controle e descontrole. São por isso elevadas à condição de herói. Condição que, longe de ser exagerada, mostra a beleza e necessidade do trabalho-somatório, do “ponto-a-ponto” que permanentemente criados e acrescidos uns aos outros, constituem e permitem o aparecimento de feitos com espectro e abrangência maiores.

O instrumento maior de análise, dessa monografia, é o texto escrito. Mais que isso: são relatos autobiográficos e testemunhos de internos de hospitais psiquiátricos. São veículos de expressão que se constituíram em verdadeiros aliados para a organização psíquica de seus autores. E, aqui, apresenta-se, então, um outro viés de investigação: o da função da escrita no processo de cura. É claro que o termo “cura” não pode ser utilizado como o faz o senso comum. Cura não é ficar “normal”, mas, sim, atingir um nível de organização psíquica tal que haja possibilidade de criação, de produção do novo, de produção de novas representações, com possibilidades de associação com as já existentes, enfim, que aconteçam ressignificações, ou melhor, novas dotações de significado e sentido por parte do sujeito, permitindo-o relacionar-se com o novo.

A riqueza do tema permite-nos focar outros pontos igualmente importantes: a produção social da loucura, com efeitos morais e punitivos, que tem como um dos maiores aliados, o tratamento cruel e desumano dispensado aos loucos. Esses temas serão abordados sempre com os relatos autobiográficos, pois os mesmos constituem-se nos instrumentos de denúncia mais legítimos que se pode ter.

Existem muitos textos assim. A literatura está repleta de testemunhos de pessoas que viveram internas em hospitais psiquiátricos, ou ainda, que passaram suas vidas dentro de um convívio social claudicante, sempre sob a pecha da loucura. São livros que contribuíram enormemente para os movimentos antimanicomiais que lutam por tratamentos mais eficazes e respeitosos com a condição humana.

Reconhecendo a importância e legitimidade do relato autobiográfico e do testemunho de loucos para um estudo social da loucura e filosófico do ser humano, essa monografia

apresenta a obra de 2 autoras que passaram boa parte de suas vidas em hospitais psiquiátricos, quando não a maior parte de sua vida, como o fez Stela do Patrocínio.

São todas mulheres de extremo valor que emprestaram suas vidas para o crescimento da humanidade. São elas, Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio, nomes-referência para a escalada do homem rumo a plena apropriação do humano e o verdadeiro contato com o si mesmo.

Maura apresenta seu testemunho em prosa, Stela o faz em verso. E, assim, em prosa e verso, faz-se uma conversa com alguns autores que também falaram da loucura com muita sensibilidade.

Privilegiando os testemunhos e textos autobiográficos, optou-se por iniciar o trabalho com eles. Dão-nos o tom da conversa e nos conclamam à reflexão aqui desejada. São textos tão fortes que passaram a denominar os Capítulos 1 e 2 que os retratam. Assim o fazendo, esses capítulos recebem os títulos de *Hospício é Deus*, e *Reino dos Bichos e dos Animais é meu nome*, respectivamente, os títulos dos livros de Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio.

No Capítulo 1, destaca-se a singularidade de Maura, sua conduta considerada perigosa e provocativa por questionar alguns posicionamentos sociais como o da mulher, o da submissão e o do louco. Singularidade esta que lhe impôs o caminho da loucura acompanhado de um intenso sofrimento psíquico. Questionar a loucura por meio de seu texto é procurar entender a complexidade da produção e instalação da loucura.

Stela, no Capítulo 2, mostra-nos, principalmente, o processo de destituição de subjetividade por que passa o louco. Stela, de forma poética, clama por seu nome, por sua identidade, por sua condição de gente. Denuncia, sobretudo, o medo que a sociedade tem de identificar-se com o louco.

No Capítulo 3, apresenta-se outra fala sobre a loucura. Uma fala consagrada no meio acadêmico, contrariamente às anteriores. Esse capítulo é marcado por um viés psicológico e sociológico, destacando-se a produção social da loucura, principalmente na visão de Michel Foucault. A loucura, aqui, é usada em sua concepção mais ampla, abarcando todas as pessoas que tiveram a sorte ou o azar de serem verdadeiras, singulares e por isso de se desviarem de um padrão autoritário de comportamentos. Franco Basaglia ajuda-nos a repensar o sistema hospitalar psiquiátrico, apontando a reprodução das cruéis relações de poder nesse sistema. Com esse autor, entende-se que a única saída terapêutica possível é conscientizar o louco de seu processo de exclusão, tirando-o da reclusão manicomial.

Em seguida, no Capítulo 4, aponta-se a importância dos textos autobiográficos e dos testemunhos, que partem de experiências individuais para falar de todo um grupo. Os ingredientes para isso: a coragem, a sensibilidade, a necessidade de transcendência, todos impulsionados por um forte sentimento de injustiça, de vergonha e solidão.

A estrutura apresentada mostra o caminho pelo qual a fala será conduzida. Que seja conduzida por Maura e Stela que nos dão a honra de repensar a loucura e a lucidez encontradas dentro e fora dos hospitais psiquiátricos. São dois sistemas de análise, separados por um portão. O que Maura e Stela apontam é que a segregação tem direção marcada e que por isso mesmo fala tanto da vítima quanto do algoz.

Mais que repensar a loucura, seus textos obrigam-nos a refletir sobre a condição humana. Sobre nossas ações, sobre o que as move, sobre o medo de entrar em contato com nossa parte “negativa”, repleta de desejos que sabemos não aceitos socialmente.

São livros que não convidam para a apatia, ao contrário, exigem um posicionamento. Humanizam o tema, elevando o louco à condição legítima de ser, de sujeito. Passam, então, de coisa para pessoa, já podendo provocar em nós identificações. E, aí, o resultado é imprevisível e, por que não dizer, assustador.

E o convite maior é este: refletir sobre a loucura, refletir sobre a humanidade, refletir sobre si próprio. Um caminho tortuoso, mas possível.

Capítulo 1: Hospício é Deus

Este capítulo inicia o espaço dialógico pretendido, quer seja, estabelecer uma interação entre internos de hospitais psiquiátricos e alguns autores teóricos que pensaram sobre a loucura. Mais que iniciar essa reflexão, o capítulo pretende destacar o texto autobiográfico e o testemunho como os principais instrumentos de compreensão da loucura.

O capítulo em questão apresenta a denúncia de uma escritora e jornalista ao longo de uma de suas internações em hospital psiquiátrico. Trata-se de Maura Lopes Cançado que nos legou: *Hospício é Deus*, livro escrito em 1979.

Inicialmente, Maura aparece sozinha, trazendo sua história de vida e reflexões. No Capítulo 2, une-se à Stela para, em seguida, interagir com Michel Foucault, entre outros autores. Abre-se, aqui, um espaço para sua voz. Releva-se sua fala, destacando-se o processo social de produção da loucura.

O capítulo pretende enfatizar também a sensibilidade e inteligência da autora ao observar sua própria história. *Hospício é Deus* é um texto autobiográfico, uma fala de denúncia ao mesmo tempo que um objeto de auto-conhecimento. Por ter essas características presta-se a ser um bom instrumento de análise para essa monografia.

Este livro, basicamente, estrutura-se em duas partes. Na primeira, Maura fala de sua vida pessoal, de sua infância, adolescência, contextualizando o leitor para que compreenda melhor a segunda parte de seu livro que é um diário, cujo maior valor é registrar a vida de uma interna em um hospício, suas reflexões e visão aguçada sobre as relações humanas, bases das relações sociais que produzem, entre outras coisas, a loucura. Maura assim o faz por meio de suas memórias, intercaladas por pequenos trechos de poemas e pensamentos de autores como Fernando Pessoa e Nietzsche.

Hospício é Deus foi escrito por Maura enquanto interna da seção Tillemont Fontes, Hospital Gustavo Riedel, Centro Psiquiátrico Nacional, Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Esse passou a ser seu endereço, uma morada que ela mesma procurou. Inocência?! Com certeza, não; Maura já conhecia uma instituição psiquiátrica.

Apresentar Maura Lopes Cançado é muito difícil. Dificuldade que vem de sua multiplicidade. Qualquer tentativa será sempre reducionista.

Para começar, pode-se dizer que Maura é uma pensadora, é uma buscadora de sua própria verdade. Essa é talvez sua melhor síntese. Alguém que, por tentar entender seu próprio sofrimento e dor, contribuiu para elevar a consciência de toda a humanidade.

Falar assim pode parecer despropositado. Afinal, Maura sequer é conhecida em sua cidade. Como pode então alguém que não alcançou fama servir de referência para a humanidade? Sua grandeza se faz justamente aí, no seu quase anonimato, pois os grandes feitos não são construídos magicamente em uma única tacada, são, ao contrário, um somatório de condições, de permissões, abertas sempre por pequenas situações, ou gestos, ou pessoas, ou publicações de contos no suplemento dominical do Jornal do Brasil, como o fez Maura Lopes Cançado, no final da década de 50, do século passado.

Maura nasceu no interior de Minas Gerais, em uma suntuosa fazenda próxima da cidade de Patos de Minas. Era filha de um rico e poderoso fazendeiro, condição que lhe gerava sentimentos de tudo poder. Percebe-se como uma criança bonita que foi amada e protegida por sua família.

Maura aponta, na fase inicial de sua vida, elementos que poderiam justificar sua jornada de hospícios. Ao fazê-lo já indica o primeiro sinal de seu distanciamento da loucura, pois aqui ela tem a precisão de um médico ao analisar um caso clínico. Só que o paciente é ela mesma. Demonstra nessa primeira parte do livro, uma grande característica sua que permeia toda a obra: a de observadora de si mesma.

Maura é então a paciente e o médico, junção que faz com grande lucidez.

Voltando à sua descrição da infância, vê-se também o surgimento de uma menina mimada, insegura que sentia muito medo das pessoas, da noite, enfim, do que lhe era desconhecido e que estava além do quintal de sua casa.

Prestaram atenção a mim exageradamente. De certa forma isso me trouxe grande solidão – por não me sentir bem uma menina.

Onde está a margarida?

— Num castelo encantado

onde um rei pôs cinco pedras

que ninguém pode tirar (Cançado, 1979, p. 17).

Solidão, desamparo, são todos sentimentos muito mostrados por Maura ao falar de sua infância. Sentimentos esses que a acompanham ao longo de sua vida.

Aparece então uma questão importante: a sexual. Juntamente com ela vêm os temores por Deus. Ensinará-na a encarar o sexo como uma coisa feia e proibida. Portanto, sentia-se em falta devido à sua curiosidade e desejo sexual. E Deus que vê tudo e a todos julga? Maura

descreve sua dificuldade em amar a Deus, chegando à frase “Deus foi o demônio da minha infância” (Cançado, 1979, p. 20).

Destacam-se ainda de seus relatos sobre a infância as palavras:

(...) costumava aborrecer mamãe sem nenhum motivo aparente. Deitava-me no chão e gritava com desespero. Arranjava um motivo (ou não arranjava), mas a verdade é que alguma coisa bem íntima levava-me a este comportamento. Uma insatisfação inexplicável, desejo de sofrer e fazer sofrer, como a expulsar de mim algo escuro, indefinido e insuportável. Estas cenas eram quase diárias e não sei se viveria sem elas (ibid, p. 21).

Nesta fala, Maura mostra claramente seu sentimento de culpa, sua sensação de pecadora. Mais do que isso, revela também uma necessidade de ter que agredir para constituir-se como ser. A agressão tem dois sentidos: interna e externa, pois a autora demonstra ricamente sua auto-agressão. Sua agressão, contudo, é só veículo. O importante é perguntar-se o porque dessa atitude. Questão que a própria Maura induz, provocando no leitor a necessidade de reflexão.

Por que Maura precisa se construir na feiura e na loucura? Demonstra sempre provocar para ser punida. Julga precisar sofrer. Seu médico, denominado por ela no livro como doutor A. pergunta: “antes precisamos saber de que crime você se acusa. Não a atenderei, pretendo quebrar este círculo vicioso. Você procura hospícios. Por que, se sabe que vai sofrer? Não conte comigo para sua autoflagelação” (ibid, p. 184).

É claro que Maura não responde a esta nem a outras perguntas. Cabe ao leitor, seduzido por sua fala tentar concluir algo e talvez, assim, por meio da loucura, aprender algo sobre sua própria constituição.

Outro ponto interessante de seu relato inicial é a metáfora de “uma parede de vidro” utilizada pela autora para expressar sua falta de integração, estranhamento e inadequação perante outras pessoas, inclusive familiares. Em suas palavras: “Desde menina experimentei a sensação de que uma parede de vidro me separava das pessoas. Podia vê-las, tocá-las – mas não as sentia de fato” (ibid, p. 27).

Percebe-se dessa sensação que apesar de existir uma barreira para seu contato verdadeiro com as pessoas, esse impedimento o é de vidro, ou seja, de material que pode ser facilmente quebrado, rompido, porém não sem a grande probabilidade de se ferir, de se cortar. Revela com a utilização dessa metáfora como o mundo lhe era ameaçador e como, voltando à questão da culpa, ela poderia ameaçar o mundo.

Encerra essa primeira parte fazendo uma distinção entre doença mental e loucura. Denomina a loucura de Santidade, caracterizando um estado em que há uma total ausência de medo, um grau de liberdade absoluto, uma condição de inviolabilidade do ser que poucos têm a coragem necessária para atingi-lo. O doente mental, em contrapartida, é aquele que vive mergulhado no medo, “o medo de se perder de todo antes de se encontrar” (ibid, p. 29). Seria precipitado, no entanto, dizer que se trata de uma visão romanceada da loucura. Seria mais correto afirmar que Maura ressalta, nesse trecho, um único viés da loucura, que é o filosófico, ao apresentar uma concepção de loucura bastante parecida com a visão encontrada na idade média que a associava a um extremado grau de liberdade e a uma condição de se poder desenvolver uma genialidade em potencial.

A autora constata outras facetas da loucura. Em um discurso poético, Maura fala de seu aspecto social, retomando o cenário do pátio do hospício. Atribui responsabilidades para a constituição da loucura. Aponta as pessoas, as famílias, o Estado, toda sociedade. E ao tomar esse rumo não deixa de falar na solidão, no sofrimento que a loucura provoca. Inicialmente, ela disse ser a eternidade a grande adjetivação da loucura e, depois, faz-nos crer que o sofrimento por que passa um louco também tem essa característica: é eterno.

E o hospício

é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta e o recebemos trêmulo, exangue – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o que, porque Hospício é deus.” (ibid, p. 30).

O hospício é frio é inóspito, é um “branco sem fim”. Essa é a definição de hospício apontada pela autora logo no início de seu diário. Ela não engana ninguém, já de cara diz para que veio. E veio mesmo, porque ela entrou nesse imenso corredor despersonalizado com suas próprias pernas. Maura foi atrás de quê? O que levaria alguém a uma atitude desta? A carência, não apenas, pois Maura poderia ter ido viver em companhia de outro, de amigos, de familiares.

O que a impulsionou a isto: sua loucura, ou sua sanidade? Foi atrás de iguais ou foi ressaltar sua clareza de percepção, seu refinamento consciente, contrastando-se com as loucas do pátio?

Certamente, Maura foi impulsionada por vários motivos. Salienta-se, no entanto, a necessidade de ser aceita. Aceita pelas pessoas, realizando o rótulo que lhe era imposto. Aceita pela sociedade que a acusava de ser louca por externar espontaneamente o que pensava de tudo, por ter uma sensibilidade muito acurada e que em muitos momentos lhe facultava ver além. Maura pagou por isso, foi considerada e se fez louca. Agiu assim, para que com esse rótulo pudesse expressar tudo o que pensava, sem grandes amarras, afinal de contas, era uma “louca”.

Muitos passam por esse processo. Muitos são denominados loucos e emprestam sua “loucura” à sociedade para que a mesma se sinta mais controlada, mais segura e confortável. Prestam-se a esse papel e pagam caro. Pagam com sofrimento, com solidão, submetendo-se a situações as mais degradantes.

A autora também necessitava de moradia e, por mais incrível que pareça, de proteção e segurança. Parece um contra-senso procurar isso em um hospício, mas, de alguma forma, se a pecha de louca lhe possibilitava ser, certamente que o melhor cenário para essa atuação seria o hospício. Além do mais, Maura conseguia nesse local exercer um serviço útil, de ajuda às internas, de denúncia.

Ela é sofisticada, requintada em apontar para o leitor seu processo de construção da identidade. Maura diz em seu livro “estou aqui e sou” (p. 34), mostrando que identidade e lugar caminham juntos, ao mesmo tempo em que nos informa que chegou ao hospício e que agora é “louca”. Agora pode exercer oficialmente sua “loucura”. Agora pode realizar o que lhe foi imputado. Condição esta que está bastante marcada pelo “aproveitamento” da oportunidade de expressar-se mais livremente, de denunciar esse processo de “enlouquecimento” pelo qual passam várias pessoas.

E o processo tem agravantes, complementos bastante cruéis, como os instrumentos de “cura” que na verdade são utilizados com fins morais e punitivos. Vê-se aqui que é preciso desumanizar o louco para que não haja nenhuma possibilidade de identificação com ele. Feito assim, o louco passa a ser uma coisa, e o sentimento coletivo de lucidez mantém-se garantido.

O tratamento desumanizador aparece nas palavras:

Maria de Oliveira [guarda] disse outro dia: ‘— Esta Durvaldina [interna] é muito confiada, mas vou amansá-la. A qualquer hora ela me paga’. Hoje eu estava na seção MB, junto ao pátio das mulheres, Isabel chamou-me: fui à janela e olhei para o pátio. Durvaldina, completamente nua. Mirtes e outra doente seguravam-na no chão, enquanto a guarda lhe dava socos. Depois, Maria de Oliveira pegou-a pelos cabelos,

puxou-a para dentro, enquanto gritava: ‘—Venha sua puta. O médico quer falar com você’ (ibid, p. 127).

A cena descrita ocorreu no meio do pátio, sem nenhuma intenção de ocultamento. Ou melhor, ocorreu de propósito no pátio para que todas as internas pudessem assisti-la. E assim, Maura nos informa sobre o processo social de repressão. Identificadas com a interna que apanha da guarda, as demais acatam o que as repressoras desejam, com medo de também serem vítimas de tamanha violência.

Os maus tratos aparecem também na recusa de determinadas instituições psiquiátricas em apoiar um bom trabalho, como o ocorrido com Dona Dalmatie, guarda que tratava bem as internas e que lutou contra tudo para iniciar uma atividade terapêutica ocupacional. Esta guarda, de existência real, era quem confortava as internas, era quem, ao fazer o mínimo, quer seja, ao tratá-las como pessoas, simplesmente, dava-lhes o afeto necessário.

Relatos dessa natureza podem ser encontrados em vários textos. É farto o material que existe com esse tipo de denúncia. Maura engrossa esse coro, vendo-se nessa obrigação. O fato que mais alardeia, é importante salientar, é o processo sutil, lento, cruel, anônimo de “enlouquecimento” feito pelo meio social. Maura grita ao escrever:

Não continuarei. Não sairei louca gritando. Até quando haverá pátios? Mulheres nuas, mulheres vestidas — mulheres. Estando no pátio não faz diferença. Mas esta mulher, rasgada, muda, estranha, um dia teria sido beijada. Talvez um bebê lhe sorrisse e ela o tomasse no colo, por que não? Não aceito nem compreendo a loucura. Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. Só a humanidade toda evitaria a loucura de cada um. Que fazer para que todos lutem contra isso? Não acho que os médicos devam conservar ocultos os pátios dos hospícios. Opto pelo contrário; só assim as pessoas conheceriam a realidade lutando contra ela. ENTRADA FRANCA AOS VISITANTES: não terá você, com seu indiferentismo, egoísmo, colaborado para isto? Ou você na sua intransigência? Ou na sua maldade mesmo? Sim, diria alguém se pudesse: recusaram-me emprego por eu ter estado antes internado num hospício. Sabe, ilustre visitante, o que representa para nós uma rejeição? Posso dizer: representa um ou mais passos para o pátio. — Eu quis, mas não posso viver junto deles. Que fazer? Odeio-os então por isto. Trancar-me — voltar para o pátio, onde não serei recusada. Fugir. Fuga na loucura.” (ibid, p. 161).

Com muita beleza literária, dando o tom correto que a denúncia merece, Maura nos informa sobre a construção social da loucura. É preciso ter humildade para aceitar suas denúncias. É preciso reconhecer a força de seu texto por tratar-se de uma fala de quem conhece muito bem o assunto. Conhece-o na pele.

Aliada à sua enorme capacidade de compreender os processos sociais de construções ideológicas, Maura tem sua sensibilidade. Ela possui um refinado sensor de belezas manifestadas em pequenas atitudes, corriqueiras mesmo, que poucos poderiam detectar. E o contraste que provoca ao expressar tanta sensibilidade em um lugar tão tosco, como a ala psiquiátrica na qual viveu, ressalta a beleza destacada. Aos sentidos de Maura, pouca coisa passa despercebida. Seu livro relata uma valiosa coleção de vários desses momentos como ouvir Dona Georgiana, uma antiga interna esquizofrênica, cantar a ária da *Bohème*, *Valsa da Museta*.

Dona Georgiana cantava: cheia de graça, os olhos azuis sorrindo, aquele passado tão presente, ela que fora, ela que era, se elevando na limpidez das notas, minhas lágrimas descendo caladas, o pátio das mulheres existindo em dor e beleza. A beleza terrífica que Puccini não alcançou: uma mulher descalça, suja, gasta, louca, e as notas saindo-lhe em tragicidade difícil e bela demais – para existir fora de um hospício. (ibid, p. 64).

Seu livro nos coloca em xeque-mate por provocar a reflexão sobre o humano. E aí vem um grande problema: o que fazer com a tomada de consciência? Não é fácil ler um relato desses. Ele exige um posicionamento. Ele nos obriga a olhar para dentro de nós mesmos e perder a tranqüilidade da ignorância. Tranqüilidade essa inadequada para o processo tempestuoso de constituir-se humano, de apropriar-se de si mesmo. Maura nos condena a olhar para nossa sombra, para nossos desejos negativos, para nossa intransigência, crueldade e despreparo. Maura levanta a poeira que abaixa com outra organização, com outros elementos adicionados.

Ela inverte tudo. Toda a ordem, desde a mais simples relação entre paciente e médico até o local onde encontra conforto. Munida de sua aguçada visão social, Maura denuncia a cruel relação de poder entre o analista e o paciente. Quando no primeiro contato seu terapeuta lhe diz a clássica “– estou às suas ordens” Maura responde-lhe “– sou eu que estou às suas ordens”. Percebe e sofre toda a frieza da ciência com seus rótulos reducionistas e sua metodologia de ausência de contato humano. Revela esse sentimento em uma bonita metáfora: a da mala cheia de etiquetas e rótulos, que, inclusive, é preenchida com o que o outro quer e carregada para onde ele pretender. Com suas palavras:

terminarei pela vida como essas malas, cujos viajantes visitam vários países e em cada hotel por onde passam lhes pregam uma etiqueta: Paris, Roma, Berlim, Oklahoma. E eu: PP, Paranóia, Esquizofrenia, Epilepsia, Psicose Maníaco-Depressiva, etc. Minha personalidade mesma será sufocada pelas etiquetas científicas (ibid, p. 44).

Hospício é Deus é um livro-bomba que explode em nossas mãos. Apresenta a mudança por que vai passando uma pessoa ao residir em um hospício. Maura fala de sua agressividade como reação ao que recebe das guardas. Passa, portanto, por um processo de aprendizagem comportamental para conseguir sobreviver neste meio que torna o diferente igual. Sua percepção poética do processo aponta: “o desfalecimento das cores é uma evidência, constato mergulhada na neutralidade do cinza que me despersonaliza” (ibid, p. 79).

O texto da Maura é assim: rico e cheio de momentos de grande beleza. Coexistem na sua fala a denúncia, a solidão, seu sentimento de desamparo, os momentos de beleza, a raiva, sua generosidade para com as outras internas, sua sensualidade. Ela se apresenta com todas as facetas que uma pessoa tem e é por isso que seu livro emociona, pois trata-se da fala de um ser em toda a sua angústia, riqueza e profundidade. Maura nos presenteia com um relato verdadeiro, convidando-nos para a melhor conversa que pode existir: a de ser para ser.

Capítulo 2: Reino dos bichos e dos animais é meu nome

Stela do Patrocínio.

Talvez nada mais precisasse ser dito sobre Stela, não fosse a provocação que nos faz com sua grande capacidade de comunicação.

Stela deu seu recado. Assim o fez por meio de um importante testemunho. Importante por falar, principalmente, de um cruel aspecto do processo social da loucura: o de retirar o nome do sujeito, símbolo máximo da própria retirada do sujeito do processo.

Stela deu entrada no Hospital Psiquiátrico Pedro II (Engenho de Dentro) no ano de 1962, quando possuía 21 anos. Chegou com o diagnóstico de esquizofrenia hebefrênica. Em 1966, foi transferida para a então Colônia Juliano Moreira – RJ, permanecendo neste endereço por quase trinta anos. Vítima de hiperglicemia, Stela teve a perna amputada, falecendo na Colônia.

Negra, pobre e já vítima de tantos preconceitos, somou-se a sua condição mais um item: louca. Só que Stela não parou por aí, quis também a adjetivação de poetisa.

No intervalo de 1986 a 1988, a artista plástica Neli Gutmacher e sua estagiária Carla Guagliardi gravaram no ateliê de artes plásticas, que funcionava no Núcleo Teixeira Brandão, conversas e poemas de Stela. Além do seu “falatório”, como ela mesma definiu, Stela também gostava de escrever em pedaços de papelão. Essas gravações foram depois transcritas por Mônica Ribeiro, estagiária de psicologia, e esse material organizado em livro pela psicóloga Viviane Mosé (Mosé, 2001).

Foi um longo trabalho até aparecer em 2001 o livro *Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome*. Uma importante publicação que reúne os poemas de Stela do Patrocínio em 8 partes. O livro surgiu do empenho de pessoas que perceberam a beleza que tinham em suas mãos e, uma vez na praça, virou tema de debates e roteiro para peça de teatro, com grande sucesso de público.

Stela, então, nasceu. Ou mesmo, realizando o prognóstico do significado de seu nome, virou estrela.

Esse capítulo, da mesma forma que o anterior, *Hospício é Deus*, apresenta trechos da vida de uma interna de hospital psiquiátrico, nesse caso, contada por meio de poemas. São fragmentos de fala transcritos que, em sua evolução, contam a vida de Stela, entrando, por

esse motivo, na categoria de testemunho. Se igual quanto a isso, diferem da autobiografia de Maura Cançado, primeiramente por não se apresentar na forma de diário e, principalmente, por ter sido expresso originalmente em linguagem verbal. Sabe-se da enorme diferença entre essas formas de expressão, mas diante da fidedignidade do trabalho de Viviane Mosé, primando, inclusive, pelo ritmo dos poemas, pode-se considerá-lo como texto pertinente para a análise dessa monografia.

Seus poemas são viscerais. Saem de dentro dela com uma linguagem muito primitiva. Enfocam medos, solidão, injustiças, percepções de mundo e, mais que tudo, uma grande necessidade de se auto-nominar.

Stela nos mostra a importância de dizer seu nome, de gritar sua identidade. Pressupõe-se que alguém que precise gritar seu nome, provavelmente já o disse antes e ninguém ouviu, ou não quis ouvir, ou mesmo ignorou sua presença, seu valor como um sujeito. Então, mesmo sem ser perguntada, Stela diz:

Eu sou Stela do Patrocínio

Bem patrocinada

Estou sentada numa cadeira

Pegada numa mesa nega preta e crioula

Eu sou uma nega preta e crioula (Mosé, 2001, p. 66).

E continua se apresentando, contando sobre sua vida, sobre seus sentimentos. Ignora o interlocutor, apenas marca seu território, reforçando seu nome.

Meu nome verdadeiro é caixão enterro

Cemitério defunto cadáver

Esqueleto humano asilo de velhos

Hospital de tudo quanto é doença

Hospício

Mundo dos bichos e dos animais

Os animais: dinossauro camelo onça

Tigre leão dinossauro

Macacos girafas tartarugas

Reino dos bichos e dos animais é o meu nome (ibid, p. 118).

Stela não se misturava às demais internas. Na impressão da psicóloga Viviane Mosé, “parecia uma rainha, não se portando como as outras, que se aglomeravam, pedindo sempre. Diferenciava, em um silêncio agudo, sua forma própria de se colocar no espaço.” (ibid, p. 20).

Stela gostava de pintar seu rosto e braços de branco. Costumava andar enrolada em um pano ou cobertor. Era negra, alta e tinha o porte de uma rainha. Compunha a imagem de uma rainha africana? Pergunta-se, de que ritual ela participava?

Seus poemas parecem cumprir a mesma função que sua postura: falar de seu ser, de sua subjetividade, de sua identidade, de seu nome. E muito mais: ao definir-se como sujeito, como ser singular, Stela denuncia todo um sistema de padronização das pessoas. Denuncia também a tentativa do sistema psiquiátrico hospitalar de tirar do sujeito o que lhe é mais caro, quer seja, sua condição de humano, sua identidade, seu nome.

Stela não tinha endereço, não tinha parente, mas tinha sua voz. Uma voz que demarcava sua diferença, que gritava sua insubordinação ao aniquilamento de seu ser e que ganhou *status* social, ganhou poder de denúncia, a partir do momento em que foi constituída em livro. Sua fala passou a representar uma classe, a de internos de hospital psiquiátrico.

Seus poemas são de muita força. Mostram o caminho de construção da identidade de um sujeito, sujeito este atuante, dentro do conceito de Kant que inicialmente o definiu como a consciência ou autoconsciência que determina e condiciona toda atividade cognitiva (Abbagnano, 1970).

Stela fala de sua origem com uma metáfora muito bonita: o espaço vazio, gases, ar.

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo

Eu era ar, espaço vazio, tempo

E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó

Eu não tinha formação

Não tinha formatura

Não tinha onde fazer cabeça

Fazer braço, fazer corpo

Fazer orelha, fazer nariz

Fazer céu da boca, fazer falatório

Fazer músculo, fazer dente

Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas

Fazer cabeça, pensar em alguma coisa

Ser útil, inteligente, ser raciocínio

Não tinha onde tirar nada disso

Eu era espaço vazio puro (ibid, p.82).

Se este poema fala de sua origem, pode-se dizer que fala também da condição de esvaziamento pela qual foi submetida e se submeteu. Esvaziamento de personalidade, de traço

diferenciado, de sentimentos e emoções próprios: “Eu não tinha formação, não tinha formatura”. Stela não tinha também de onde tirar seu falatório-denúncia, não tinha de onde constituir sua cabeça, seu raciocínio. E diante dessa fala, Stela mostra-se mais majestosa ainda, como uma vencedora, como alguém que consegue expressar-se, a despeito das dificuldades encontradas. Dificuldades estas sociais e individuais, quando considerado o processo orgânico de adoecimento.

Este capítulo não quer prestar-se a interpretar os poemas de Stela. Esta poderia ser uma estratégia pouco confiável, se entendermos que suas palavras não podem ser compreendidas sem uma contextualização necessária. De seu “falatório”, no entanto, pode-se extrair valiosas conclusões, algumas sobre Stela, algumas sobre a loucura.

Stela, como Maura, tem paixão. Apresenta uma guerra declarada contra o confinamento, em favor da vida. É extremamente sensível, essencial. Fala sem rodeios toda sabedoria que soube extrair de sua vida. Vida esta difícil, desde o início. Era pobre e foi sexualmente violentada. É forte, com estilo bem marcante, diferente. Cuspia os medicamentos que lhe davam para usufruir sua “lucidez”.

Seu texto mostra que se sente injustiçada e incompreendida, quando faz crer que foi internada sem esclarecimentos, sem o seu consentimento. Daí para frente ficou presa em uma instituição que não lhe ouviu e nunca lhe deu explicações.

Eu vim do Pronto Socorro do Rio de Janeiro

Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e remédio

E era um banho de chuveiro, uma bandeja de alimentação

E viagem sem eu saber para onde ia

Vim parar aqui nessa obra, nessa construção nova (ibid, p.53).

Conhecia muito bem sua realidade. Mais que conhecê-la, operava nela, fazendo-se sujeito de sua existência. Não era à toa que rejeitava os medicamentos. Sabia, inclusive, como rejeitá-los, provavelmente, para não se meter em encrencas com as pessoas que cuidavam dela. Com muita beleza e simplicidade, nos diz:

A realidade é esta folha

Este banco esta árvore

Esta terra

É este prédio de dois andares

Estas roupas estendidas na muralha (ibid, p. 112)

Somente quando o sistema psiquiátrico-hospitalar tradicional começou a ser questionado e pessoas como Nise da Silveira, Viviane Mosé, as estagiárias citadas, e tantas

outras que constituem a Reforma Psiquiátrica, conquistaram espaço dentro dessas instituições é que Stela pôde ser ouvida. Passou toda sua vida adulta internada no mesmo hospital psiquiátrico que Arthur Bispo do Rosário, outro artista de extremo valor que emprestou sua vida e coragem para reforçar o movimento antipsiquiátrico. A partir do encontro com essas pessoas, sua fala passou a ser percebida como algo diferente de um delírio, como uma forma de se manter viva.

Stela surge então com um propósito que foge a sua consciência. De pessoa sem rosto, invisível, sem ser, passa a sujeito dotado de sentimentos, de vida pessoal, de querereres, de gosto, de não-gosto. Por virar pessoa, virou também instrumento. E é nessa passagem que transcendeu a sua condição pessoal. Virou social, virou representante de um grupo muito grande de pessoas que como Stela sofrem anonimamente. Seu falatório engrossou o coro de pessoas que denunciam esse complexo sistema que vai desde o consentimento ideológico social, como a naturalização da exclusão social do louco, até as práticas concretas de crueldade ainda existentes nos hospitais e clínicas psiquiátricas.

Segundo Mosé, “Stela era capaz de lançar um olhar sobre a condição asilar e, ao mesmo tempo, dimensionar este olhar em uma interpretação do que seria a condição humana: uma fala atravessada por outras falas” (ibid, p. 25). Stela assim o fez de uma forma muito especial, juntando beleza e inteligência. Falava de sua vida como que a observando de fora, sem, no entanto, perder-se em frieza e distanciamento. Ao contrário, seus poemas são verdadeiros, falam com muita inteireza de sentimentos vividos.

Maura, em *Hospício é Deus*, também nos encanta com essa característica: a de constituir-se um observador de si mesmo. Esse é mais um ponto de semelhança entre as duas autoras. São duas obras que se somam e que ganham valor no poder real de denúncia e no entendimento da alma humana.

Trazer os poemas de Stela é também objetivo deste capítulo. Só é possível entendê-la a partir da leitura direta de sua obra. Sua sensibilidade é perdida com a fragmentação de tentar traduzi-la. Stela é tão inteira que se faz em seu todo. Por mais que se fale de Stela, muito fica para trás. Então, deixemo-na falar:

Eu sobrevivi do nada

Eu não existia

Não tinha uma existência

Não tinha uma matéria

Comecei a existir com quinhentos milhões e quinhentos mil anos

Logo de uma vez, já velha

Eu não nasci criança, nasci já velha

Depois é que eu virei crinça

E agora continuei velha

Me transformei novamente numa velha

Voltei ao que eu era, uma velha. (ibid, p. 80).

Stela, em verso, conta sua vida. Ao contá-la resgata seu nome. Reino dos bichos e dos animais é seu nome.

Capítulo 3: Sobre a loucura

Este capítulo dá seqüência à reflexão proposta nessa monografia: pensar a loucura por meio do que diz o próprio louco sobre seu sofrimento e provocar um diálogo entre alguns teóricos e os ditos “insanos”. Apresenta as reflexões, os questionamentos, as contribuições de pensadores importantes como Michel Foucault e Franco Basaglia para, com os testemunhos e textos autobiográficos vistos nos Capítulos 1 e 2, fechar o espaço dialógico pretendido.

O presente capítulo propõe-se a pensar a loucura em alguns sentidos. Pensá-la enquanto reveladora da concepção de sujeito que nossa sociedade capitalista ocidental possui; enquanto sinalizadora das relações superficiais e pouco constituintes do ser; enquanto denotadora da dificuldade do homem moderno de entrar em contato com seus medos, seus sentimentos ditos negativos como raiva, ódio, inveja, ciúme; enquanto produto sócio-histórico, determinando, inclusive, todo o aparelho concreto que realmente lida com a loucura. Aparelho este constituído por leis, política governamental de saúde, indústria farmacêutica, hospitais psiquiátricos, clínicas de tratamento, sessões religiosas, oficinas terapêuticas, médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, carcereiros etc.

Loucura é um termo muito genérico. Mais que um termo, a loucura, falando agora como um conceito, foi e é percebida de formas muito variadas. Sob seu teto abriga-se um grupo muito heterogêneo de pessoas e comportamentos, grupo esse que em uma linha do tempo também sofreu variação.

Compondo o conceito de loucura, encontram-se os diferentes discursos sociais, sejam eles filosófico, médico, jurídico, religioso, entre outros, que constituem o cenário histórico que permite a elaboração e surgimento do conceito. Esse processo não é exclusivo da loucura, esse é o processo social de constituição das diversas conotações dos conceitos que nutrem nossos pensamentos. É importante salientar que pensamento não se define, para fins dessa monografia, como atividade exclusivamente cognitiva. Emprestando o conceito da Psicologia Sócio-Histórica, entende-se pensamento como “um processo psicológico, não somente por seu caráter cognitivo, mas por seu sentido subjetivo, pelas significações e emoções que se articulam em sua expressão, que não é automática, mas construída pelo sujeito mediante complexos desenhos intencionais e conscientes, nos quais também não se esgota seu caráter subjetivo.” (Rey, 2003, p. 235).

O plano social não atua sozinho. É importante considerar outra instância, a dotação de sentido de cada indivíduo, a sintonia fina do conceito, determinada pelo complexo conjunto dos discursos sociais mais as relações que o indivíduo, em particular, tem com o que compõe sua história de vida.

Deve-se entender esses dois planos – social e individual – como altamente entrelaçados, com um plano atuando, constituindo e determinando o outro, promovendo, esse processo, a constituição da subjetividade do sujeito.

O sujeito em sua processualidade reflexiva intervém como momento constituinte de si mesmo e dos espaços sociais em que atua, a partir dos quais pode afetar outros espaços sociais. O sujeito representa um momento de subjetivação dentro dos espaços sociais em que atua e, simultaneamente, é constituído dentro desses espaços na própria processualidade que caracteriza sua ação dentro deles, a qual está sempre comprometida direta ou indiretamente com inúmeros sistemas de relação (Rey, 2003, p. 135).

Foucault (2000) utiliza o termo cultura em seu livro *Doença Mental e Psicologia*. A palavra cultura convida-nos a uma análise etnológica da loucura. Em muitas sociedades fechadas, ditas primitivas pelo homem moderno (entendido aqui como o que pertence a uma sociedade ocidental, industrializada, judaico-cristã), o louco é considerado um sábio, um direto emissário de Deus. Convivem com o grupo e possuem elevado prestígio por serem detentores de uma refinada sabedoria. Estudar essas diferenças de enfoques e percepções pode auxiliar bastante no entendimento e respeito às diferenças.

Poderia-se ressaltar, então, nessa monografia, os vieses **psicológico** e **social** da loucura. Porém, é importante destacar que nos aspectos psicológicos a loucura apenas se manifesta, apenas tem suas modalidades reveladas, suas diversas formas de expressão, mas é nas condições sociais que a loucura tem suas mais profundas raízes (Foucault, 2000).

Pode-se destacar alguns aspectos psicológicos da loucura. Segundo Foucault (2000), esses aspectos podem ser englobados dentro das dimensões da: evolução, história individual e existência do sujeito, todas complementares para uma descrição e, não, explicação da loucura.

Em primeiro lugar, falando dentro de uma dimensão evolutiva, a loucura é regressiva. Ela diminui algumas manifestações comportamentais (as funções mais complexas, instáveis e voluntárias), como a linguagem, o domínio do universo simbólico, por exemplo, para exacerbar as funções mais simples, estáveis e automáticas como os monólogos fragmentários, determinados automatismos, coerência espaço-temporal, etc.

Abrindo a discussão sobre a dimensão histórico-individual do sujeito, Foucault (2000), valendo-se da psicanálise e, inclusive, questionando-a, comenta que “a regressão não é uma queda natural no passado; é uma fuga intencional fora do presente” (p. 42). Visto assim, pode-se dizer que o passado é invocado para substituir o presente, ou melhor, para substituir o conflito que não pode ser resolvido na situação presente.

A doença tem como conteúdo o conjunto das reações de fuga e de defesa [mecanismos de defesa] através das quais o doente responde à situação na qual se encontra; e é a partir deste presente, desta situação atual que é preciso compreender e dar sentido às regressões evolutivas que surgem nas condutas patológicas; a regressão não é somente uma virtualidade da evolução, é uma consequência da história (Foucault, 2000, p. 45).

E por trás da necessidade dos mecanismos de defesa, encontra-se a angústia como manifestação afetiva da contradição interna (o conflito).

A dimensão existencial apresentada por Foucault (2000) e de grande interesse neste trabalho exige que a loucura seja olhada sob a óptica fenomenológica, procurando-se a compreensão da consciência doente e a reconstituição de seu universo patológico. Pode-se afirmar que o louco, a despeito do grau de sua obnubilação e embotamento afetivo, tem sempre uma consciência de sua loucura. Nas palavras do filósofo:

O universo mórbido não é jamais um absoluto no qual se aboliriam todas as referências ao normal; pelo contrário, a consciência doente desdobra-se sempre, por si mesma, numa dupla referência, quer ao normal e ao patológico, quer ao familiar e ao estranho, seja ainda ao singular e ao universal, seja finalmente, à vigília e ao onirismo (Foucault, 2000, p. 61).

Os aspectos psicológicos apresentados são de extrema importância para a descrição da loucura. Reside na dimensão social, no entanto, seu principal elemento constitutivo. “A doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal” (Foucault, 2000, p. 71).

Maura (1979) e Stela (2001) apontam essa construção social em suas obras. Maura fala da responsabilidade de todos na produção da loucura. Seu texto descritivo do pátio (Capítulo 1), por exemplo, local onde vagam os internos, mostra, inclusive, o sofrimento que pode ser produzido em uma pessoa quando rejeitada por um grupo social. Um grupo que pode lhe ser particularmente significativo, por ter com ela relações afetivas.

A fim de discorrer sobre a óptica social e justificar o aparecimento da “doença mental” como veste da loucura, um breve histórico da loucura se faz necessário para mostrar como que ao longo dos tempos a percepção, o conceito e o tratamento da loucura foi variando.

O século XVII constitui-se como o primeiro marco temporal a ser destacado, considerando a brevidade desses comentários. Até meados desse século, o louco vivia solto, a sociedade era-lhe hospitaleira. Sobretudo no século XVI, “a loucura era sentida sem que sua silhueta houvesse se destacado claramente como um objeto exterior. Inseparável da imaginação e do sonho, a sensibilidade à loucura nessa época, dizia respeito a certa maneira de vivenciar o mundo em sua totalidade.” (Frayze-Pereira, 1985, p. 59).

Após esse período, a loucura se distancia do universo da razão. Tem-se no renascimento, portanto, o início de um processo de dominação e subjugação da loucura pela razão.

(...) a loucura foi colocada fora do domínio no qual o sujeito detém seus direitos à verdade: domínio este que, para o pensamento clássico, é a própria razão. Doravante, a loucura será exilada. Se o homem pode sempre ser louco, o pensamento, como exercício de soberania de um sujeito que se atribui o dever de perceber o verdadeiro, não pode ser insensato (Foucault, 1972, p. 47).

Extraír a loucura do domínio da razão, entrando para a categoria de desvio, de erro, foi um decisivo marco para exilar o louco que agora não mais poderia vagar. Assim, ele deixa sua peregrinação por perturbar o espaço social. Foram criadas as instituições que passariam a abrigar o louco, juntamente com os pobres, os inválidos, os pervertidos, os portadores de doenças sexualmente transmissíveis, ou seja, toda sorte de pessoas que alteravam de alguma forma a ordem social e econômica. Social no tocante aos padrões de conduta; econômica, no que tange à incapacidade dessas pessoas de participarem do sistema mercadológico. Com a ascensão da burguesia e, conseqüentemente, do livre comércio, o desvio se configurava na ociosidade. Na verdade, mais que abrigar essas pessoas, essas casas passaram a puni-las, obrigando-nas, inclusive, a execução de trabalhos forçados.

Descartes dá uma definitiva contribuição filosófica para promover o distanciamento entre loucura e razão e para instalar o racionalismo como forma principal de pensar e se relacionar com o mundo e a verdade. Por meio do sujeito que duvida, Descartes estabelece a própria existência. Se penso, existo, afirma o filósofo. E afirma também que se pensa, não pode estar louco. O louco, portanto, não pode conhecer a verdade, em outras palavras, não pode ter com ela a razão (Foucault, 1972).

Esse distanciamento entre loucura e razão ainda é percebido na atualidade. Essa é uma idéia tão forte que já virou senso-comum, no sentido em que nos diz o filósofo Gramsci, apontando para uma ideologia hegemônica. Essa idéia tem muitos desdobramentos. Interessante para fomentar o eixo central de análise deste trabalho, o pensamento colateral de que o louco não pode falar por si. Essa concepção, fruto de um processo particular de construção social, tem conseqüências concretas para o louco. Para falar por ele, elege-se o médico, o especialista, que servindo a um violento processo social, retira a voz do louco, imputando-lhe a perda de sua subjetividade.

A partir de meados do século XVIII existiu uma espécie de anistia para muitas dessas pessoas excluídas. O confinamento começou a ser questionado e substituído por um assistencialismo estatal. Essa anistia, no entanto, não atingiu os loucos. Esses ficaram por ameaçar a integridade de suas famílias e da sociedade (Foucault, 1972).

Ficam, no entanto, em uma outra condição. O internamento passa a ser entendido como um espaço de organização da liberdade do louco, liberdade esta, que se corretamente assistida e conduzida, o levará à razão. O louco não deve mais ser corporalmente coagido, pois sua imaginação (origem da loucura) deve estar desimpedida para atingir a razão. Do louco, então, são tiradas as correntes, destacando-se, nesse sentido, as atuações de Pinel, na França. Apesar de não mais ficar acorrentado, o louco ainda deveria ficar isolado, detido em um internamento que passou a ter valor terapêutico.

Ainda confinado a um *locus* isolado, o louco passou a ser constantemente vigiado e qualquer comportamento que se desviasse da norma desejada era violentamente punido. E as punições eram extremamente cruéis como uma armação giratória, uma espécie de mesa, que se esticava enquanto girava o louco para que um provável acúmulo de sangue fosse retirado de seu cérebro (Bazzo, 2000), ou como a surra no meio do pátio que a guarda Maria de Oliveira deu em Durvalina, interna da mesma ala psiquiátrica que Maura Lopes Cançado (Capítulo 1).

A grande tarefa do asilo era (e ainda é hoje) homogeneizar todas as diferenças, isto é, reprimir os vícios, extinguir as irregularidades, denunciar tudo aquilo que se opõe às virtudes da sociedade. Por isso mesmo, uma única diferença vai poder manifestar-se através dessa instituição: a diferença entre o normal e o patológico (Fraize-Pereira, 1985, p. 86).

A loucura, então, conforme nos indica Foucault (1972), transformou-se em objeto de análise e exame, pôde ser estudada e entrou para o domínio médico. Virou doença mental. Nessa nova condição asilar, e até possibilitando sua mudança de *status*, a loucura passa a ser

percebida como de ordem interna ao sujeito, como uma alienação do sujeito ao mundo externo, podendo, então, entrar para a esfera da psicologia. Não se diz mais de um louco que ele “perdeu a verdade, mas, sim, que perdeu a sua verdade” (Calderoni, 2002, p. 81).

Juntamente com esse confinamento, a loucura perdeu sua expressão, perdeu sua linguagem. Caiu em um longo silêncio que se quebrou apenas no final do século XIX.

O confinamento e a perda da palavra caracterizaram o medo que nossa sociedade tem de reconhecer-se no doente. Para evitar qualquer possibilidade de identificação, o louco é destituído da condição de humano, passa a não-ser, perde sua subjetividade, perde seu nome.

Stela do Patrocínio (2001), com seu “falatório”, ilustra muito bem esse aspecto da loucura. Seus poemas abordam muitas facetas do cruel processo institucionalizado por que passa um louco. Um tema, porém, se destaca: sua necessidade de gritar seu nome. Stela mostra sua dor por ter-se feito invisível, invisibilidade esta que ela não aceita, que ela insiste em reverter. E, aqui, pode-se ousar, inclusive, uma interpretação para seu comportamento de pintar os braços e rosto de branco: tornar-se mais visível.

O período compreendido entre o final da idade média e o século XIX, tão bem mapeado por Foucault (1972), foi importante para gerar qualificações à loucura que perduram até hoje. Inicialmente, ao ocupar os antigos leprosários, o louco herdou a necessidade de estar separado, segregado. Ao juntar-se aos mendigos, libertinos de toda ordem e portadores de doenças venéreas, o louco apossou-se de culpas morais e sociais que estão longe de abandoná-lo. Sabe-se, inclusive, que no século XVI, em decorrência de movimentos religiosos, a pessoa pobre era considerada amaldiçoada por Deus.

Julgar a loucura, reconhecer que alguém é louco, não é um ato autônomo. Ele implica no limiar e tolerância da loucura que cada grupo social tem.

Quando o médico acredita diagnosticar a loucura como um fenômeno da natureza, é a existência desse limiar que permite portar o julgamento de loucura. Cada cultura tem seu limiar particular e ele evolui com a configuração desta cultura; a partir dos meados do século XIX, o limiar da sensibilidade à loucura baixou consideravelmente na nossa sociedade; a existência da psicanálise é o testemunho deste abaixamento na medida em que ela é tanto o efeito quanto a causa do fato (Foucault, 2000, p. 89).

O quadro de percepção da loucura, conforme nos indica Foucault (2000), começa a mudar no final do século XIX, mas não o suficiente para alterar o cotidiano do louco institucionalizado. Assim nos mostram Maura (1979) e Stela (2001).

O louco ainda é tido como um corpo doente, objeto de pesquisa em sua pura materialidade. Basaglia (2001) aponta que as teorias psicodinâmicas “que tentaram encontrar

o sentido do sintoma através da investigação do inconsciente, mantiveram o caráter objetal do paciente, mesmo que o tenham feito através de um tipo distinto de objetualização: objetualizando-o não mais enquanto corpo, mas enquanto pessoa” (p. 104).

Responsável por uma proposta de psiquiatria comunitária, este importante psiquiatra italiano, denuncia a relação de exclusão social por que passa o louco institucionalizado. Mais que um problema específico da loucura, Basaglia aponta para uma questão sócio-econômica mais ampla, pois “despido o paciente das superestruturas e das inscrustações institucionais, percebe-se que ele é, ainda, o objeto de uma violência que a sociedade exerceu sobre ele e que continua a exercer, na medida em que, antes de ser um doente mental, ele é um homem sem poder social.” (2001, p. 113).

Portanto, o ato terapêutico verdadeiro, para Basaglia (2001), é o que conscientiza o louco de sua situação excluída. É, antes de tudo, um ato político, que só pode ser concretizado estando o louco em liberdade. É preciso um novo sistema, amparado em novas relações de poder, que consigam absorver dialeticamente a contradição inerente às mesmas. Absorver no sentido de aceitar a contradição como fonte de crescimento e, não, de abafá-la como o faz o sistema vigente.

A comunidade terapêutica é um local em que todos os componentes (e isso é importante), doentes, enfermeiros e médicos, estão unidos em um total comprometimento, onde as contradições da realidade representam o húmus de onde germina a ação terapêutica recíproca. É o jogo das contradições (...) que continua a romper uma situação que, não fosse isso, poderia facilmente conduzir a uma cristalização dos papéis (Basaglia, 2001, p. 118).

Falar universalmente da loucura é no mínimo uma simplificação.

Seu conceito *strictu sensu* não interessa. Importam, sim, os valores que o determinam. E mais ainda, as implicações e a razão dessas dotações de juízo por parte de um grupo social.

A loucura aparece, então, como um conceito complexo e variável ao longo de uma linha histórica humana. É denotador de uma série de outros conceitos por envolver reflexões sobre a função e desígnios do ser humano, bem como por expressar relações de poder e ideologias.

É importante assinalar que a percepção “natural” de que o louco deve ficar internado, isolado e que deva ser subjugado e considerado menor e, portanto, inferior, foi historicamente construída. Mudar esse conceito não é fácil, além de demandar tempo e um conjunto somatório de ações e ressignificações. É daí que vem a importância de trazer para essa discussão os testemunhos dos loucos. Esses relatos autobiográficos certamente ampliam

nossas referências, produzem questionamentos, reflexões que somadas às de outras pessoas criam o contexto social para que as mudanças concretas de fato ocorram.

Esses textos que restituem ao louco sua condição de humano, de sujeito, de ser que pensa, sente, sofre, ama, fala, chora, anda, ri, come, dorme, enfim, que passa por diversas necessidades iguais às que todos passam são fundamentais para ampliar a consciência coletiva da humanidade. De início, uma questão sobre a loucura e logo uma ampliação para o questionamento sobre o ser humano. Contudo, um questionamento extremamente eficaz por ter sido provocado por um processo de identificação.

Mais que relatos, os testemunhos e textos autobiográficos subvertem pontos importantes, como, por exemplo: destituir do médico todo o saber sobre a loucura. Aqui, é o louco que julga o médico e, o que é mais importante, é o louco que julga a si próprio. Subverte também a relação sujeito/objeto proposta pelo positivismo racional. O louco é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de sua observação.

O texto de Maura Cançado, por exemplo, encerra mais verdades que a sua própria. Fala de verdades de toda a humanidade, permitindo a tão perigosa e evitada identificação de uma pessoa dita “normal” com outra dita “louca”. Ao revelar seu sofrimento e seus medos com uma linguagem tão verdadeira, Maura diminui a distância entre ela e o leitor, provocando fusões que nos pegam de surpresa.

Em pleno século XXI, pode-se ouvir, ainda com um som tímido e abafado, a voz do louco. Na verdade, fala-se muito do louco, mas só agora o próprio sujeito considerado insano pode começar a falar por si. Observa-se o aparecimento de alguns livros autobiográficos e testemunhos de pessoas que foram vítimas do complexo e, quase sempre, cruel, sistema hospitalar psiquiátrico. Esse movimento de expressão é muito maior ainda, pode-se constatar na atualidade o surgimento de vários testemunhos de pessoas que de alguma forma foram socialmente subjugadas. Apesar de tímido, é um movimento crescente. De alguma forma, editoras, ONG's, jornalistas, enfim, todo um aparato concreto, está incentivando e apoiando a realização e divulgação da fala dessas pessoas. São domésticas, presidiários, moradores de favelas violentas, adolescentes torturados por policiais, loucos, e muitos outros que vêm conseguindo expressar-se. Que tiveram a coragem e a grandeza de contar sua história, mesmo sendo uma “pequena” história que ao ser publicada soma-se a tantas outras e passa de um caso isolado para a fala de toda uma classe.

Essas histórias têm a tendência de migrarem, segundo nos informa Boaventura Santos (1999), comentando sobre um importante ponto do novo paradigma científico de produção de conhecimento. Diz ele, “todo conhecimento é local e total” (p. 80), significando que podem

influenciar outras áreas cognitivas diferentes de seu local de origem, uma vez que o novo paradigma expressa-se com uma linguagem assumidamente analógica e tradutora. Cada vez mais, o conhecimento é entendido como autobiográfico e autoreferenciado. Maura Cançado e Stela do Patrocínio legitimamente são produtoras de conhecimento. Falam-nos, ao contar suas histórias, da loucura, da sociedade, da humanidade.

O breve histórico apresentado, bem como algumas reflexões de Michel Foucault, servem de arcabouço para pontuar a loucura como produto social. Essa é uma idéia já bastante conhecida e comentada que pouco a pouco vem apoiando alguns movimentos alternativos de tratamento de loucura. Propiciaram o aparecimento da antipsiquiatria, da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial no Brasil. Movimentos que ainda estão por vir em sua plenitude e que se torce para que não tenham sido apenas um esboço de contracultura com o fim maior de referendar a cultura vigente.

Um ponto parece-nos inquestionável: o acolhimento social é fundamental para o tratamento da loucura. Esse acolhimento é muito abrangente, vai desde uma concepção mais humanitária da loucura, sem sua subjugação, até a estrutura institucionalizada de veiculação de sua aceitação.

A idade média nos dá um bom exemplo dessa aceitação que ainda existe pontualmente: trata-se da cidade de Gheel ou Geel, na Bélgica, que abriga um santuário muito visitado por loucos e seus familiares.

Esta cidade foi palco da história da Santa Dymphne, contada pela primeira vez, no ano de 1247. Pode-se visitar ainda sua capela, sepultura, bem como seus pertences (Bazzo, 2000).

Contam seus moradores que Dymphne era filha de um rei irlandês e que sua mãe, uma mulher muito bonita, morrera logo após seu parto. O rei, constatando a semelhança de Dymphne com sua falecida e ainda amada esposa, desejou possuí-la. Para evitar a concretização dos desejos de seu pai, Dymphne fugiu para o então povoado de Geel. Furioso com a fuga de sua filha e com a impossibilidade de realizar seus impulsos incestuosos, o rei procurou sua filha, encontrou-a e a decapitou (Bazzo, 2000).

Dois anjos descem do céu e recolocam sua cabeça sobre o corpo. Um louco, que no local assistia à cena, toca sua cabeça, retirando-a do corpo novamente, e fica curado de sua loucura.

Em seguida a este milagre, Geel se torna um lugar reconhecido a curar a loucura. As visitas se dão segundo um determinado ritual. Inicialmente, a peregrinação feita com familiares e pessoas que caminham com o mesmo fim. Chegando à cidade, os loucos ficam nove dias em tratamento espiritual. Entram em contato com um ambiente sagrado, vestem o

véu da Santa Dymphne, tocam seus pertences, tomam banhos frios (de imersão) e bebem água de uma fonte dada como milagrosa.

Uma participação coletiva dá suporte ao paciente em suas devoções e preces, o envolve e o guia em suas diferentes “passagens”. A duração da novena, o fato de dormir perto das relíquias, em um lugar consagrado, sempre fechado, na obscuridade ou na penumbra, num tempo ritmado (medido) pelas missas, as absorções e abluções diversas, às quais se juntam momentos carregados de emoção pela sua dimensão simbólica, como os ritos de passagem e de depositar a loucura em local santo, tudo isso tem forte efeito psíquico sobre as pessoas que passam por esses rituais. O louco é percebido como alguém que está em sofrimento, que precisa de tratamento, mas, não, como alguém menor, que tem sua loucura associada a valores morais, que por ela é subjugado e que precise ser isolado, mesmo porque, a loucura do outro não assusta e nem arrisca a integridade dessas pessoas. A loucura do outro apenas exige cuidados, exige ajuda.

Atualmente, com cerca de 30 mil habitantes, Geel é a mais antiga colônia familiar que se tem notícia, dedicada ao tratamento de doentes mentais. Acabou transformando-se em um grande exemplo para os centros que pretendem dar um tratamento mais humano aos loucos. Começou inovando com um fator diferencial: não expulsou os loucos que lá chegaram. Recolheu-os e isso por si só já faria uma grande diferença. Porém, não só os recebeu como os colocou no seio das famílias. Assim o fez com os loucos que, após o tratamento espiritual realizado na igreja da Santa Dymphne, precisavam continuar em terapia. Eles, no entanto, não ficavam reclusos, internos de centros de tratamento psiquiátrico, mas eram inseridos em um convívio social “normal”, cotidiano, morando com famílias que os acolhiam e que os fazia participar de suas vidas. Caminhavam pelas ruas como qualquer outro cidadão de Geel (Bazzo, 2000).

Em visita à cidade de Geel, o psicólogo Ezio Flavio Bazzo informa:

(...) os doentes chegavam aqui e eram conduzidos a um pequeno barracão construído ao lado da igreja conhecido por quarto dos doentes ou “Líber Innocentium”, onde permaneciam por nove dias, sob ‘tratamento’. Terminada a novena, independente do doente estar ‘curado’ ou não, ele voltava para sua família ou permanecia alojado, albergado ou internado junto às famílias e aos próprios moradores da vila (...). Em muitos casos, os pacientes passaram a viver aqui definitivamente, criando assim, de maneira espontânea, uma alternativa para os então tenebrosos tratamento que eram aplicados aos enfermos-da-mente. Em 1861, 700 doentes vivam ‘integrados’ à comunidade de uns 10 mil habitantes. (2000, pp. 99-100).

Após tantos anos de sua conclamação à santa, Santa Dymphne ainda tem muito trabalho a fazer.

Ao longo da história da humanidade e, particularmente, na Idade Média, vários santos se ocuparam da loucura. Juntamente com Santa Dymphne, destacam-se São Mathurin e São Acaire. Estes últimos viveram na França e também originaram célebres santuários, localizados em Larchant e Haspres. Nos séculos XII e XIII, essas regiões francesas passaram a ser locais de grande peregrinação e cura de loucos. (Sans, 1998).

Os santos e os loucos compartilham a paixão. Paixão pela vida, por uma vida diferente. Paixão como a que demonstram Maura e Stela. Prestaram-se ao mesmo papel que os famosos “loucos de Deus”, aqueles que ainda podem ser encontrados nas portas e escadarias das igrejas, mesquitas ou sinagogas e que recebem a “negatividade” dos fiéis. Recebem na medida em que cumprem o papel do desvio, do erro e, assim, produzem o sentido de correção e ajustamento nas pessoas. Esses loucos cumprem um importante papel social, fazem parte de um engrenado jogo de valores, de percepções e, sobretudo, de auto-percepções.

Calar essas pessoas é continuar perpetuando a violência institucional da qual tão bem nos fala Basaglia (2001). É delegar uma função humana para as frias mãos do sistema hospitalar psiquiátrico, fazendo com que a dimensão humana desapareça da experiência da loucura. Maura nos dá essa imagem ao descrever o hospício e Stela nos diz a mesma coisa ao gritar seu nome. Não permitir que os loucos falem por si é dar suas falas aos médicos, psicólogos, assistentes sociais, políticos, empresários, todos detentores do “discurso competente”. Um discurso que tenta conter uma avalanche de vida e que cada vez mais, devido ao trabalho aparentemente pequeno e inócuo de pessoas como Maura e Stela, vai-se enfraquecendo.

Em suma, numa sociedade que tem horror ao diferente, que reprime a diversidade do real à uniformidade da ordem racional-científica, que funciona pelo princípio da equivalência abstrata entre seres que não têm denominador comum, a loucura é uma ameaça sempre presente. O que a história da loucura nos revela, pondo em questão toda a cultura ocidental moderna, é que o louco é excluído porque insiste no direito à singularidade e, portanto, à interioridade. E, com efeito, se a loucura é nesse mundo patologia ou anormalidade é porque a coexistência de seres diferenciados se tornou uma impossibilidade (Frayze-Pereira, 1985, p. 102).

Capítulo 4: algumas considerações sobre o texto auto-referenciado

Pode-se observar o crescente interesse pela autobiografia e pelo testemunho. Hugo Achugar (1992) estabelece alguns pontos de diferenciação entre esses dois tipos de textos. O escrito autobiográfico é fechado e encerra-se na pessoa que o escreve. Não tem necessariamente pretensões políticas ou de constituir-se em um exemplo de conduta e de existência. O testemunho, por sua vez, nasce de um depoimento, quase sempre oral e, por meio de um mediador, ganha a forma de texto. Nesse gênero, pelo contrário, já existe na origem a intenção da denúncia, a vontade de que aquela fala represente a categoria retratada.

Partindo dessa conceituação, encontra-se em Maura Lopes Cançado uma autobiografia e em Stela do Patrocínio um testemunho.

Essa distinção, no entanto, não é fechada. É apenas ponto de partida para que essas duas formas de expressão sejam entendidas. Sabe-se que o texto autobiográfico pode constituir-se em material de denúncia, assim como o fez Maura com seu livro autobiográfico, pois Maura não escreveu como jornalista e cronista do Caderno de Domingo do Jornal do Brasil, mas, sim, como interna de um hospital psiquiátrico. Esse era seu foco central, em torno do qual sua escrita se organizou.

O importante, para essa monografia, é delinear os pontos semelhantes de *Hospício é Deus* (1979) e *Reino dos Bichos e dos Animais é meu Nome* (2001), respectivamente livros de Maura e Stela. Essa importância se dá pelo aspecto somatório que esses trabalhos apresentam no tocante à ampliação da consciência coletiva sobre o tema da loucura.

E essa ampliação de consciência é ponto de partida para a produção de conhecimento novo, processo que se dá no interior de cada pessoa. Conhecimento mais que legítimo: transformador.

Favorece-se, dessa forma, o surgimento de uma nova atmosfera, que difere em um sutil grau da outra, mas que, numa linha do tempo, esse grau, essa fissura, vai-se ampliando até que um novo conceito seja possível, um conceito de outra qualidade, que, espera-se, produza uma situação mais acolhedora e integradora para os loucos.

Pretende-se, então, com este capítulo, mostrar a importância da opção pelo testemunho e texto autobiográfico como principal ponto de partida para suscitar a discussão sobre a

loucura, partindo da premissa de que ambos denunciam uma situação de subjugação e que contam uma história alternativa, quer seja, aquela que é contada pelo sujeito excluído da história oficial.

O aparecimento desses textos e o notório interesse da sociedade, inclusive do meio acadêmico, pelos mesmos passa por uma crítica a todo um sistema de produção de conhecimento. O cânone acadêmico vem sendo bastante questionado. Os grandes livros, aqueles escritos por “homens brancos ocidentais” continuam sendo bastante importantes, mas já deixam de ser o único caminho de obtenção de conhecimento. Juntamente com os filósofos gregos, por exemplo, considera-se o papel dos filósofos orientais na constituição do pensamento moderno.

Mais que esse fato (a desconstrução do discurso vigente como, por exemplo, a revisão do cânone acadêmico), interessa-nos a atmosfera que o propiciou e que não foi criada magicamente de um dia para o outro. Ao contrário, foi criada pelo movimento solitário, porém contínuo, de muitas Mauras e Stelas. Foi criada pela capacidade que essas pessoas tiveram de transcender suas próprias vidas e condição de sofrimento, ao resolverem contá-las, sob a óptica da injustiça social.

Os testemunhos aparecem como um veículo democrático, à medida que possibilitam que essas histórias sejam contadas, impressas e lidas. Sem sua veiculação, Stela do Patrocínio jamais poderia ser ouvida. Seria um grito perdido? Com certeza, não. Teria, apenas, influência em uma esfera menor, muitas vezes do tamanho do eu. Ao ser lida por outras pessoas, Stela ganhou uma voz social e um poder maior de gerar novos pensamentos e sentimentos.

Tornar publicamente conhecido o que muitas vezes é escrito de forma escondida e camuflada para evitar inclusive a punição, como acontece com muitos loucos nas clínicas e hospitais psiquiátricos, faz toda a diferença. Assim como a abordagem da loucura feita no Capítulo 3, por meio dos vieses psicológico e social, pode-se considerar, aqui, a atuação da escrita dentro de um alcance pessoal (no escritor) e em uma abrangência maior, o meio social.

Para o escritor, no caso, para o louco que escreve, pode-se argumentar que a escrita pode ser um remédio ou um veneno, isso para responder à pergunta título do artigo de Ana Cecília Carvalho (1997) que traz a questão, *escrita: remédio ou veneno?* Quem sugere essa resposta é Jung (1995) quando diz que o literário, assim como qualquer criação artística, pode tanto promover saúde psíquica, ou mesmo a cura, quanto exacerbar o processo dissociativo existente na fundamentação da loucura.

Jung (1995) argumenta que a produção literária é um “remédio” quando ela permite: a integração consciente/inconsciente; a não identificação do artista com sua criação; e a

existência de um processo organizador de criação, o que significa um momento que demanda esforço, concentração, suor, frustração, etc.

Dito isso, pode-se entender que a escrita literária é um “veneno” quando favorece a dissociação do sujeito ou mesmo quando o artista, identificado com sua obra, passa a se julgar pelo julgamento que de sua obra é feito.

Jung (1995) utilizou-se da produção artística como veículo terapêutico. Nise da Silveira (1992) e tantos outros psicólogos junguianos também o fizeram. Para eles, as oficinas de produção artística estavam longe de ser uma mera ocupação e distração do interno.

Fernandes (2001), autora psicanalista, também se utiliza da escrita como função terapêutica. Para ela, sua importância reside na função mediadora da escrita pela qual o louco consegue “descolar-se” um pouco mais do fenômeno. Ao escrever sobre seus delírios e alucinações, por exemplo, consegue criar uma outra condição de observador de si mesmo que pode produzir elaborações e novas simbolizações.

Feitas essas considerações para o escritor, deve-se apontar os efeitos da escrita sobre o leitor.

Se o leitor consegue tolerar a ‘zona de enigma’ do texto, ponto que tem equilíbrio frágil, de incerteza, fora de qualquer controle, poderá realizar o inesperado encontro com uma das zonas de sombra que ele mesmo abriga em sua interioridade. É nesse momento que o leitor é também autor, pois o texto fala nele (Carvalho, 1997, p. 82).

Não resta dúvida de que o leitor está implicado no processo da escrita. Por meio da interpretação, ele produz novos sentidos para o texto, muitas vezes criando o que ainda não havia sido criado.

O efeito do texto sobre o leitor é ponto de ancoragem para o que mais se pretende enfatizar nessa monografia: a importância do texto escrito pelo louco para promoção de transformação social.

Dentro do viés social, o texto auto-referenciado, entendido aqui como o testemunho e a autobiografia, transcende a pessoa que o fez. Ao ser distribuído em grupo social, forma-se “um espaço compartilhado, no qual tenta-se construir uma nova identidade. Não a identidade homogeneizadora imposta pelo monólogo do discurso imperial, mas uma identidade heterogênea, por diferenciada e plural, mais democrática e que respeite as outras identidades” (Achugar, 1992, p. 53).

O testemunho e o texto autobiográfico já chegam com uma força muito grande, pois trazem um autor vivo, real, que conta uma “verdade”, uma vez que descreve uma realidade psíquica. Quebram a frieza do “discurso competente”, distanciado do sofrimento real. Por isso

mesmo são textos que provocam ampliações de pensamentos e que exigem um posicionamento do leitor.

Maura e Stela provocaram isso. Fizeram-nos repensar a loucura e deixaram em nós a gratidão pelo engrandecimento do humano.

Conclusão

Por mais que se planeje um caminho a cursar para o desenvolvimento de um trabalho, sabe-se que alguns desvios podem ser tomados e, mais do que isso, podem transformar-se na principal via de caminhada.

O tema da loucura, apesar de toda a sua relevância, virou veículo para se falar de um outro tema: a importância do discurso alternativo, paralelo, oprimido, local, para a ampliação dos referenciais produtores dos pensamentos e sentimentos. Esses pensamentos, considerados na esfera pessoal, interagem, produzindo e sendo produzidos, pelos “pensamentos sociais”, como os que fundamentam o senso comum e as ideologias.

Os pensamentos e sentimentos pessoais e sociais, dentro de sua dinâmica de constituição, propiciam o aparato concreto (as instituições sociais) que vai revelar, operacionalizar e ampliar as idéias subjacentes.

Existe um universo entre uma idéia e uma prática social. Acredita-se, no entanto, que os trabalhos de Maura e Stela têm atuação no universo da loucura, e uma atuação, cuja consequência, pode ser uma vida mais digna, respeitosa e verdadeira para o louco, no sentido de estar em conformidade com seu pleno desenvolvimento.

O olhar “de dentro” é fundamental. Inverte-se, com essa postura, todo tipo de relação social, todo tipo de relação de poder. Abordar a loucura por meio do texto ou da fala do louco é o caminho mais legítimo para se chegar ao entendimento desse complexo fenômeno. É claro que o louco não deve falar sozinho. Não é isso que se defende nessa monografia, mas, sim, que sua voz se junte a de toda a sociedade e que não seja mais excluída desse coro.

Mais que uma junção de vozes, prega-se uma junção de ações. Uma coisa pode levar à outra. É preciso que a sociedade, para falar da forma mais ampla possível, encare a loucura de frente, da forma correta, sem atribuir à ela valores morais, sem subjugá-la. Novamente, Maura e Stela nos ajudam. Permitem que nós desassociemos o louco da imagem de um monstro desfigurado, maligno e ameaçador para podermos construir com ele condições de uma vida mais justa.

São ações pequenas, sutis, que no dia-a-dia podem mostrar o respeito e a aceitação que sustentam a relação, como a que um médico teve por Maura, quando de sua saída de uma “solitária”, ocorrida em uma clínica particular.

Dr. Valter ajudou a me levantar, levou-me para o banheiro, uma enfermeira deu-me banho. Depois do banho, levou-me, ele mesmo, a uma pia. Enquanto eu escovava os dentes, aquele médico desconhecido abotoava a maneira da minha camisola, passava um pente pelos meus cabelos. Estivera presa, isolada, clamando por alguém durante tanto tempo sem ser atendida, e via-me agora tratada com carinho por um homem desconhecido. Era demais para meu coração ferido e magoado. As mãos se moviam ajeitando-me a camisola, enquanto meu corpo se adelgaçava, em sentimento alto e puro: naquelas mãos, estava, para mim, a prova de que existe. Sim, além de um quarto miserável: nas mãos de um médico piedoso. Piedoso é minha maneira de dizer a alguém: “- Você é gente, e te amo – porque também sou gente”. Ele me penteava os cabelos, olhava minhas unhas e a minha boca, abotoava minha camisola. Ele também era gente (Cançado, 1979, pp. 113-114).

A atuação de Geel, a cidade belga que reza por Santa Dymphne, constitui-se em mais uma ação local transformadora. É pequena, admite-se, porém não é inócua. É exemplo de integração e aceitação social da loucura.

Pode-se ainda citar Basaglia (2001) que nos relatou sua importante contribuição para gerar uma situação menos opressora para o louco. Pregou a desinstitucionalização do louco, reconhecendo, com essa ação, a única forma de permitir-lhe transcender a condição de excluído. Ao sair de uma instituição psiquiátrica, o louco encontraria uma realidade social que o recolheria e trataria.

Para transformar essa realidade, é necessário sair do território exclusivamente psiquiátrico e construir na sociedade as condições para que ela, enquanto espaço real da vida humana, participe da solução. Esta, se algo tem de particularmente psiquiátrica, e se é que existe enquanto algo definitivo, deve ser possibilitada por um conjunto de transformações que digam respeito a todos os homens. A doença não é a condição única, nem a condição objetiva do ser humano que está doente, ao mesmo tempo em que o aspecto em que se encontra o doente é produzido pela sociedade que o rejeita e pela psiquiatria que o gere (Amarante, 1996, p. 80)

A loucura incomoda profundamente. Isso é fato. Porém, nem sempre foi assim, conforme nos mostrou Foucault (1972). Sabe-se, inclusive, que esse incômodo não é uniforme de sociedade para sociedade. Qual é, então, esse elemento diferenciador? Em outras palavras, o que é que favorece uma atuação integradora para com os loucos, em alguns poucos lugares, e outra tão segregadora que, infelizmente, pode ser vista em quase todo o planeta?

Esse questionamento foi feito ao longo de todo o trabalho, juntamente com a indagação do que seria necessário para alterar essa situação dominante.

A produção e instalação da loucura têm várias origens. Admite-se que o problema não é tão simples, nem é filho de uma única mãe. No entanto, não restam dúvidas de que a forma como a sociedade se relaciona com a loucura é produto dela mesma. Não se trata de uma escolha, é claro, mais de um lento e constituidor processo de formação de conceitos e idéias.

O nível de tolerância e de aceitação da loucura, o limiar cultural do qual tanto falou Foucault (2000), têm um forte enraizamento no meio social. Se a percepção é tão fortemente determinada pela cultura¹ deve estar em seu meio também a possibilidade de mudança da total desconsideração que acomete os loucos e todos aqueles que têm um forte sofrimento psíquico.

E com relação a essa questão, Maura L. Cançado tem muito a dizer. Ao trazer sua história, Maura mostrou o processo de constituição da loucura, funcionando nos dois termos da equação, pois ao mesmo tempo em que foi constituída, Maura se constituiu “louca”. Ela, segundo nossa hipótese, aceitou a condição de louca principalmente por uma necessidade de fazer parte de um meio social. Se, para estar dentro daquele “grande teatro social”, ela precisou desempenhar o papel de louco, assim o fez. Só que Maura foi muito além. Conseguiu fazer uma dobra dentro de sua própria situação e transgredi-la, ao denunciá-la.

Subjacente à questão feita, pode-se ainda continuar: por que a loucura incomoda tanto? E para essa resposta, a ajuda da Stela do Patrocínio é fundamental. Com seus poemas, Stela nos mostra que o grande medo é o da identificação, o que explica o processo de “coisificação” pelo qual passa o louco. Destituído de subjetividade, de cara, de sentimentos e de nome, o louco não mais se constitui como uma ameaça. Existe também o medo de constatar a própria responsabilidade. É por isso que é preferível, muitas vezes, isolar o louco do convívio social, pois assim varre-se a “sujeira” para debaixo do tapete.

Não foi por acaso que esse trabalho iniciou com os textos de Maura e Stela. Elas se constituem em nossa principal fonte de entendimento sobre a loucura. Mostraram-na pelo lado de dentro, o lado do cotidiano de quem, mais que refletir sobre o assunto, viveu-o na própria pele.

Resgatam em nós a sensibilidade e a importância de se tomar uma posição, de fazer escolhas, de opinar e, sobretudo, de trabalhar para que alguma mudança seja facultada.

¹ É importante salientar que ao se falar de cultura, na verdade, está-se falando de várias culturas simultâneas, os grupos sociais, pois uma pessoa pertence ao mesmo tempo a um grupo religioso, a um grupo de torcedores de determinado time de futebol, a um grupo de pessoas que trabalham, ou a um grupo de solteiros, ou de casados, etc.

Mais que isso, elas nos recobram a esperança de acreditar no trabalho local e contínuo, que se constituindo ponto de apoio e alavancado por nosso sentimento humanitário, pode erguer o mundo, como já nos disse Arquimedes.

Referências Bibliográficas

- ACHUGAR, H. & BEVERLY, J. (1992). *La voz del otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Lima-Pittsburgh: Latinoamericana.
- AMARANTE, P. (1996). *O homem e a serpente*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- BASAGLIA, F. (2001). *A instituição negada*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- BAZZO, E. F. (2000). *Dymphne. A santa protetora dos loucos*. Brasília: Clepto Publicadora.
- CANÇADO, M. L. (1979). *Hospício é Deus*. Rio de Janeiro: Record.
- CARVALHO, A. C. (1997). Escrita: remédio ou veneno? *Percurso*, 18, 79-86.
- CRUZ, M. A. S. (2002). Loucura, desrazão e doença mental: figuras históricas? Em CALDERONI, D. (org.), *Psicopatologia: vertentes, diálogos, psicofarmacologia, psiquiatria, psicanálise* (pp. 73-86). São Paulo: Via Lettera.
- FERNANDES, A. M. L. P. (2002). O processo da escrita na psicose. *Psychê*, 9, 115-124.
- FOUCAULT, M. (2000). *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- FOUCAULT, M. (1972). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- FRAYZE-PEREIRA, J. (1985). *O que é loucura*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense.
- JUNG, C. G. (1995). *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes.
- PATROCÍNIO, S. (2001). *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue editorial.
- REY, F. G. (2003). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson Learning.
- SANS, P. (1998). *Les rites therapeutiques et le placement familial*. Retirado em outubro de 2003. <http://www.psydoc-fr.broca.inserm.fr/bibliothq/sallelec/textselect/Placfamil2.html>.
- SILVEIRA, N. (1992). *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática.